



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO
PRETO INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**UM OLHAR NEGRO-AFRICANO NA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA PAULO
FREIRE EM ACAIACA/ MG**

WALKIRIA GABRIELE ELIAS DA COSTA

Mariana – MG

2022



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO
PRETO INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**



WALKIRIA GABRIELE ELIAS DA COSTA

**UM OLHAR NEGRO-AFRICANO NA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA PAULO
FREIRE EM ACAIACA/ MG**

Trabalho de Conclusão de Curso com o formato de artigo científico apresentado à disciplina de Seminário VII: Conclusão de curso (EDU 171), do Departamento de Educação da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito para obtenção do título de Pedagoga sob orientação do Prof. Dr. Marcelo Loures dos Santos.

Prof. da disciplina de Seminário VII: Dr. Erisvaldo Pereira dos Santos.

Mariana – MG

2022

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

C837u Costa, Walkiria Gabriele Elias da.
Um olhar negro-africano na Escola Família Agrícola Paulo Freire.
[manuscrito] / Walkiria Gabriele Elias da Costa. Walkiria Gabriele Elias da
Costa. - 2022.
43 f.: il.: color..

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Loures dos Santos.
Monografia (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em Pedagogia .

1. Educação rural. 2. Pedagogia da alternância. 3. Africanidades. 4.
Escola Família Agrícola Paulo Freire. I. Costa, Walkiria Gabriele Elias da. II.
Santos, Marcelo Loures dos. III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV.
Título.

CDU 37.013

Bibliotecário(a) Responsável: Iury de Souza Batista - CRB6/3841



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Walkiria Gabriele Elias da Costa

Um Olhar Negro-Africano na Escola Família Agrícola Paulo Freire em Acaiaca/MG

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Pedagoga

Aprovada em 07 de novembro de 2022

Membros da banca

Dr Marcelo Loures dos Santos - Orientador(a) Universidade Federal de Ouro Preto
Dr. Erisvaldo Pereira dos Santos - Universidade Federal de Ouro Preto

Marcelo Loures dos Santos, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 07/11/2022



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Loures dos Santos, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 08/11/2022, às 23:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0424254** e o código CRC **36648037**.

Aos ancestrais e o povo preto.

AGRADECIMENTOS

É um imenso prazer saber que está chegando ao fim de um ciclo de formação. Porém, como diz Nego Bispo, é o início – meio - início. Esse é um dos irmãos pretos que me inspira muito para saber chegar nos espaços institucionais com autodeterminação e com um projeto a longo prazo comunitário. Ou seja, entrar sabendo para que veio, para onde vai e porque está indo, é muito importante. E essa foi uma das perguntas que recebi no meu primeiro período de graduação: para que veio? O que espera?

Aprendi algumas concepções que me formaram para o que vem pela estrada, e aprendi também a abandonar outras que não dão conta da minha plenitude enquanto uma mulher preta africana em diáspora. Aprendi a olhar com outros olhos para a educação, com os olhos da “deseducação”¹, para compreender minha experiência e vivência enquanto preta no Brasil. Termine esse ciclo honrando e agradecendo a Azoilda Trindade, Antonieta de Barros, Titina Silá, Mãe Aninha de Xangô, Mary McLeod Bethune educadora do EUA, Lilian Masediba Matibane Ngoyi, Deolinda Rodrigues, Carmem Pereira de Guiné-Bissau, Virgínia Bicudo que lutou pela alfabetização e educação das crianças pretas, Mãe Hilda Jitolu, Harriet Tubman, Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez e tantas outras irmãs pretas, que tiveram uma preocupação com a educação e a liberdade do povo preto em vida.

Agradeço aos orientadores Marcelo e Erisvaldo (DEEDU) por terem auxiliado na construção desse trabalho final do curso.

Bakar.²

¹ WOODSON, Carter G. A Deseducação do Negro. São Paulo: Medu Neter, 2018. 179 p.

² Bakar significa “obrigado” na língua dos povos Dagara de Burkina Faso, que fica localizado na região leste da Nigéria.

A tradição deve ser considerada como uma árvore. Há o tronco, mas há também os galhos. E uma árvore sem galhos não dá sombra. É por isso que as tradições devem podar elas mesmas os galhos que morrem. Sou contra a conservação cega e total das tradições como sou contra a negação total das tradições porque isso seria uma negação, uma abdicação da personalidade africana.

(Amadou Hampâté Bá)

RESUMO

Este artigo visa compreender como se dão as relações das experiências negro-africanas (LUZ, 2017) e os valores civilizatórios afro-brasileiros (TRINDADE, 2010) no contexto educacional da Escola Família Agrícola Paulo Freire em Acaiaca, Minas Gerais, território quilombola, que tem a escola como espaço de encontro para os moradores compartilharem suas expressões culturais. Metodologicamente, é um trabalho de natureza qualitativa, que utilizou o procedimento de análise documental, observação participante e entrevistas semiestruturadas com os educadores e representantes da comunidade. Partimos da abordagem centrada nos valores sociais africanos para a análise embasadas pelos autores (TRINDADE, 2010) e (LUZ,2017), pois esta permitirá uma interpretação desses dados com uma dimensão mais completa da experiência africana na diáspora, localizando os sujeitos africanos e seus descendentes como agentes da construção dos saberes no âmbito político, cultural e social. Buscaremos investigar como se dão os valores presentes na comunidade-escola em relação aos princípios apresentados por Azoilda Trindade (2010). A contextualização sobre a Pedagogia da Alternância e da Escola Família Agrícola até sua reprodução no Brasil foram realizados a partir dos autores Caliari (2013), Begnami (2019), Gimonet (2007) e outros. Assim, podemos analisar nosso objeto de estudo de forma racializada e questionar sobre a importância de uma discussão interdisciplinar a partir de um olhar negro-africano nas áreas de conhecimentos da Educação. Portanto, consideramos que nosso trabalho apresenta uma contribuição significativa para as análises georreferenciadas das experiências educacionais dos sujeitos da EFA Paulo Freire.

Palavras-Chave: Africanidade; Pedagogia da Alternância; Educação Rural; Escola Família Agrícola.

ABSTRACT

This article aims to understand how the relationships between black African experiences (LUZ, 2017) and Afro-Brazilian civilizational values (TRINDADE, 2010) take place in the educational context of the Escola Família Agrícola Paulo Freire in Acaiaca, Minas Gerais, quilombola territory, which has the school as a meeting space for residents to share their cultural expressions. Methodologically, it is a work of a qualitative nature, which used the procedure of document analysis, participant observation and semi-structured interviews with educators and community representatives. We start from the approach centered on African social values for the analysis based on the authors (TRINDADE, 2010) and (LUZ, 2017), as this will allow an interpretation of these data with a more complete dimension of the African experience in the diaspora, locating African subjects and their descendants as agents of knowledge construction in the political, cultural and social spheres. We will seek to investigate how the values present in the school-community are given in relation to the principles presented by Azoilda Trindade (2010). The contextualization on the Pedagogy of Alternation and the Agricultural Family School until its reproduction in Brazil was carried out from the authors Caliari (2013), Begnami (2019), Gimonet (2007) and others. Thus, we can analyze our object of study in a racialized way and question the importance of an interdisciplinary discussion from a black-African perspective in the areas of knowledge of Education. Therefore, we consider that our work presents a significant contribution to the georeferenced analyzes of the educational experiences of the EFA Paulo Freire subjects.

Key words: Africanity; Pedagogy of Alternation; Rural Education; Agricultural Family School.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Fachada da Escola de Família Agrícola Paulo Freire – EFAP	20
Figura 2 - Viveiro Estufa na EFA Paulo Freire. Foto: Arquivo pessoal da pesquisadora.	22
Figura 3 - Porco se alimentando no chiqueiro da EFAP.	26
Figura 4 - Elementos que compõem a roda em uma atividade realizada na EFA na Festa da Terra.	29
Figura 5 - Alunos da EFAP em roda na sala de aula.	30
Figura 6 - Apresentação de dança na Festa da Terra na EFAP.	30
Figura 7 - Exposição da atividade Estrela da Comunidade.	31
Figura 8 - Atividade Estrela da Comunidade.	31
Figura 9 - Jogo do Mapa dos municípios de onde são os estudantes da EFAP.	33
Figura 10 - Oficina de turbante realizada na visita da pesquisadora na EFAP.	34
Figura 11 - Alunos da EFAP tocando violão na sala de aula.	35
Figura 12 - Sala de instrumentos musicais utilizados na EFAP.	37

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. OS PRINCÍPIOS DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA EM SUA ARTICULAÇÃO COM A CULTURA E A COMUNIDADE NAS ESCOLAS FAMÍLIAS AGRÍCOLAS	14
1.1 A EFA PAULO FREIRE	15
2. PROPOSTAS PARA PENSAR A EDUCAÇÃO NO MEIO RURAL: UM OLHAR NEGRO-AFRICANO	16
3. PERCURSO METODOLÓGICO.....	19
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS.....	21
4.1 A ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA PAULO FREIRE.....	21
4.2 QUANTO À RELAÇÃO COMUNIDADE-ESCOLA: QUEM SÃO OS SUJEITOS DA EFA PAULO FREIRE?	24
4.3 OS VALORES AFRICANOS PRESENTES NA ESCOLA-COMUNIDADE	27
5. CONCLUSÃO	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41

INTRODUÇÃO

"A recepção é mais importante que o convite. "

Provérbio Burundi.

A escolha desta temática foi mediada pelo interesse de compreender a partir de um olhar negro-africano como se apresentam as experiências no cotidiano escolar da EFA Paulo Freire. Quando menciono sobre as experiências negro-africanas quero dizer das experiências quilombolas que influenciam gerações após gerações na forma de viver, pensar, agir, ou seja, ter uma visão de mundo a partir dos saberes dos africanos e seus descendentes, onde através de quilombos³, resistiram no período de colonização garantindo que suas formas de experienciar a vida permanecesse no Brasil. De acordo o sociólogo Marco Aurélio Luz,

Os quilombos se caracterizam pela dimensão pan-africanista de sua luta, implantado e expandindo os valores negro-africanos nas Américas e se constituindo num baluarte de resistência contra o escravismo colonialista, dando continuidade ao processo de guerra de libertação africana. (LUZ,2017, p.263)

Para compreender a persistência destes elementos culturais que caracterizam as experiências negro-africanas, analisaremos nesta pesquisa, os traços de sua presença no cotidiano da EFA Paulo Freire. Seria isso o que o filósofo Luz, denomina como dinâmica negro-africana sendo um processo histórico. Segundo o autor:

É o fato de notarmos uma linha de continuidade ininterrupta de determinados princípios e valores transcendentais que são capazes de engendrar a estruturar identidades e relações sociais. Esses princípios caracterizam a afirmação existencial do homem negro e constituem sua identidade própria. (LUZ, 2017, p.29)

Quando digo sobre ter um olhar negro-africano, estou propondo pensar os africanos e seus descendentes de africanos na diáspora como sujeitos históricos, assim, como reforça a filósofa, Ama Mazama (2009), “os africanos devem se ancorar de modo consciente e sistemático em sua própria matriz cultural e histórica, dela extrair seus próprios critérios de avaliação da experiência africana.” (MAZAMA, 2009, p.114). Ou seja, na abordagem deste artigo me colocarei enquanto sujeito da pesquisa, pois segundo Mazama (2009), toda produção

³ Território onde os pretos se organizam de forma política, social e econômica contra o período da escravidão no Brasil. Hoje seus descendentes são reconhecidos como povos quilombolas por resistirem nas terras com seus valores e modo de viver africano.

de conhecimento centrado em África “deve ser conduzida por meio de uma interação entre o pesquisador e o tema” (MAZAMA, 2009, p.123).

Portanto, a escolha da temática está diretamente imbricada naquilo que sou, das minhas vivências enquanto quilombola e a partir de memórias da infância na roça de minha avó, Maria Bernarda, hoje com 93 anos, considerada matriarca, na comunidade quilombola em que vive, chamada Moreiras, subdistrito de Rio Espera, em Minas Gerais⁴.

Segundo o apresentador Pablo Oliveira, no vídeo *Comunidade de Moreiras-Rio Espera, MG*⁵, conta que Moreiras é uma comunidade reconhecida como quilombola, sendo uma roça pequena. Oliveira mostra no vídeo o caminho da trilha que eu fazia muitas vezes com meus primos a pé para chegar na escola. Lembro que era uma escola muito pequena, comíamos em uma tigela de alumínio, e tinha grandes bancos organizados em fileiras no ambiente de refeição. Lá vivenciei as mais diversas formas africanas de existir, desde buscar o milho no paiol, levá-lo para moer no moinho, separar o fubá, cuidar dos animais, varrer com vassoura de galhos de árvore, socar arroz no pilão, do plantar, do colher, da troca, dentre outras experiências que marcaram minha vivência na roça. Deve ser por isso que minha mãe, Dalva Elias, ainda mantém sempre uma hortinha pequena na casa onde mora, pois as experiências ficam ali, guardadas como aprendizagens formadas a partir dos valores civilizacionais africanos. Começar falando da minha experiência é importante, pois permite enxergar com outros olhos essa pesquisa. Ou seja, não é somente um interesse de quem está de fora, é de um lugar que assento minhas experiências quilombolas, ou melhor, africanas.

Ao revisitarmos a literatura sobre a educação no meio rural, nos deparamos com várias experiências como essas no cotidiano das pessoas pretas que vivem na zona rural, porém, ficando em alguns casos escamoteando as análises raciais das heranças africanas nas discussões. Ensinamentos ancestrais que estão enraizados na forma de existir desse povo, incluindo os valores, o modo de viver, os costumes, o modo de falar, que muitas vezes não são nomeados como vindo das experiências de povos que resistem em quilombos e aldeias indígenas para as suas sobrevivências e manutenção das tradições.

Essa manutenção da cultura ou tradições se dá a partir de alguns princípios, ou seja, seria o que a autora Azoilda Trindade (2010) chama de Valores Civilizatórios Afro-brasileiros.

⁴ Para saber mais [Rio Espera – Quilombo Moreiras | ipatrimônio](#).

⁵ Ver em: [Comunidade de Moreiras-Rio Espera MG](#) Acessado em 13/08/2022.

Sendo alguns deles: o princípio do axé (energia vital), a oralidade, a circularidade, a corporeidade, a musicalidade, a ludicidade e a cooperatividade.

Não é comum, no entanto, que estas temáticas sejam abordadas como referências no processo formativo proposto pelas escolas. Por isso, o objeto desta pesquisa foi a Escola Família Agrícola Paulo Freire, que propõe uma formação e uma relação com a cultura dos sujeitos. De acordo com seu Projeto Político Pedagógico (PPP), e como ressalta o diretor da escola, essa instituição aborda vários temas, sobretudo no que concerne à cultura,

A EFA Paulo Freire é uma escola que trabalha o curso técnico em Agropecuária integrado ao Ensino Médio. E dentro do seu processo de formação ela trabalha a questão da formação integral. E essa formação integral trabalha a questão da agroecologia, a questão da juventude, a questão de gênero e principalmente a questão da cultura popular. E no eixo da cultura popular, a EFA vem promovendo na região várias ações ao longo dos seus 11 anos de existência enquanto escola, mas que é um movimento que começou desde de 1991 a ser construído no aspecto mais associativo.⁶ (grifos meus)

Apesar do PPP da EFAP não mencionar a Lei 10.639/03⁷ que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africanas nas disciplinas da escola, em um trecho de seus objetivos específicos ele propõe,

Conhecer e potencializar a promoção de atividades típicas e do resgate e reconhecimento de comunidades tradicionais/quilombolas, Indígenas, Igualdade Racial e outras na área de abrangência da EFA Paulo Freire em parceria com o FOMENE “Fórum Mineiro de Entidades Negras”, REDE SAPOQUI “Rede de Saberes dos Povos Quilombolas”, AGCAT “Associação dos Grupos Culturais e Artistas da Terra de Acaiaca e Região”, Fundação Palmares, entre outras articulações na área.

Diante disso, veio-me o interesse de a partir de um olhar centrado nos valores sociais africanos, ou seja, compreender como essas experiências africanas e diaspóricas se dão na relação entre comunidade-escola dessa comunidade e como são perpetuados. A pergunta norteadora deste trabalho é: como e quais são essas experiências negro- africanas que podemos perceber no cotidiano da Escola Família Agrícola Paulo Freire? Qual a relação delas com os princípios e pressupostos levantados por Azoilda Trindade (2010)?

Para a compreensão desses princípios africanos na escola, vamos perpassar por três momentos na construção desta pesquisa. No primeiro momento, foi feito um levantamento bibliográfico e análise documental - vídeo, foto e o PPP - das práticas metodológicas da Escola Família Agrícola e da Pedagogia da Alternância e posteriormente um levantamento sobre as

⁶ Entrevista disponível em: [10ª Festa da Terra e Aniversário da EFA Paulo Freire - Acaiaca MG](#) Acessado em 13/08/2022

⁷ Para saber mais sobre a Lei [L10639](#)

metodologias referenciadas em Áfricas, embasadas nos autores Azoilda Trindade (2010) e Marco Aurélio Luz (2017). Para compreender como funciona essa alternância no contexto da EFA Paulo Freire, nos embasamos nos autores Rogério Caliari (2013), Begnami (2019), Azevedo (2005), Duarte (2018), Silva (2012), Teixeira (2008), Cruz (2020) e Gimonet (2007).

No segundo momento, trago uma análise dos dados coletados a partir do diário a bordo por meio da observação participante e da entrevista semiestruturada com os sujeitos da EFA Paulo Freire. Esta entrevista tem por objetivo compreender como esses valores civilizatórios afro-brasileiros, sistematizados na educação por Trindade (2010) são transmitidos e perpetuados no cotidiano escolar da EFA Paulo Freire.

No terceiro e último momento, após essa revisão da literatura, analisar nosso sujeito da pesquisa de forma racializada refletindo sobre a importância de uma discussão a partir dos valores sociais africanos nas áreas de conhecimentos da Educação.

1. OS PRINCÍPIOS DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA EM SUA ARTICULAÇÃO COM A CULTURA E A COMUNIDADE NAS ESCOLAS FAMÍLIAS AGRÍCOLAS

A Pedagogia da Alternância foi criada na França por volta de 1937. Granereau, o fundador, buscou proporcionar um ensino que garantisse a continuidade e permanência dos jovens na zona rural. Preocupado com os filhos de agricultores que cada vez estavam sendo cooptados pelos falsos discursos da crise econômica e o capitalismo industrial, fez se necessário uma pedagogia que fosse contra hegemônica nesses discursos daquela época (CALIARI, 2013; AZEVEDO, 2005).

No Brasil, a Pedagogia da Alternância se inicia no final da década de 60, perante um momento histórico de grandes lutas políticas organizadas em sua maioria pelos movimentos sociais nas décadas de 60 a 80, onde promovem mudanças de suma importância para a nossa discussão neste artigo. Em 1996, é aprovada a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDBEN) garantindo também como resultados de lutas políticas e sociais uma construção de educação escolar pensada pelos povos do campo, sendo, portanto, nesse contexto político e histórico que a Pedagogia da Alternância apresenta como um paradigma novo que respeita e instrumentaliza as especificidades na educação dos povos do campo. No Brasil, a experiência da Pedagogia da Alternância,

Emerge na confluência com outras insurgências, de um lado Paulo Freire, com o movimento da Educação Popular, da alfabetização de adultos, proibido pela Ditadura Militar naquele momento e, de outro lado a Teologia da Libertação, inspirada em outra encíclica papal, *Gaudium et Spes*, 146 uma das mais importantes no processo de atualização da Igreja Católica no Concílio Vaticano II, nos anos de 1960 (BEGNAMI, 2019, p. 145).

A Pedagogia da Alternância se orienta na relação entre escola-comunidade, preocupada em realizar um trabalho interdisciplinar, contextualizado que respeite a realidade dos alunos. Vista como uma proposta educacional inovadora, a Pedagogia da Alternância coloca em diálogo a participação ativa dos pais na educação formal dos filhos e na gestão da escola. Desenvolve um trabalho interdisciplinar onde coloca os alunos em contato com a realidade, juntando teoria e prática.

Segundo Begnami (2019), “a Pedagogia da Alternância coloca o desafio do planejamento dos tempos e espaços escolares na escola e fora dela.” (BEGNAMI, 2019, p.26). Nesse sentido, a Pedagogia da Alternância proporciona uma interação com outros espaços e tempos de aprendizagem, ou seja, é multidimensional. O autor, arremata ainda que:

Ela potencializa o diálogo de saberes escolares com os saberes populares, a relação teoria e prática, sendo a realidade dos estudantes o ponto de partida do processo da problematização, reflexão e proposição de ações de intervenção, numa perspectiva da práxis crítica, transformadora (BEGNAMI, 2019, p.26).

De acordo com Begnami (2019), em Minas Gerais tem 22 unidades em funcionamento das EFAs. Além do mais, discorre o autor que:

O processo de expansão das primeiras EFAs em Minas Gerais ocorre de forma isolada, dispersa, a partir de iniciativas locais ou regionais diversas, ligadas à Igreja Católica, Sindicatos, ONGs e Prefeituras. A primeira experiência surge em Muriaé, Zona da Mata Mineira, em 1983. A Associação Mineira das Escolas Família Agrícola (AMEFA), entidade civil, sem fins lucrativos, cuja finalidade é apoiar e dinamizar política e pedagogicamente as EFAs no Estado surge dez anos depois, em 1993 (BEGNAMI, 2019, p.116).

E afirma que “um dos fatores que limita a expansão das EFAs em Minas e no Brasil está relacionado ao problema de financiamento público” (BEGNAMI, 2019, p.116).

1.1 A EFA PAULO FREIRE

A Escola Família Agrícola Paulo Freire está localizada na Comunidade de Boa Cama, no município de Acaiaca, microrregião de Ponte Nova, território que faz limite com a cidade de Mariana em Minas Gerais. Conforme Begnami (2019) aponta, as EFA's são escolas que atendem e respeitam a necessidade de uma escola que atenda e respeite a subjetividade dos sujeitos do campo. Segundo ele é fundamental, para o autor:

A demanda era por uma escola diferenciada, que atendesse as necessidades da vida no campo, da sua cultura, da sua forma de produção, da existência. A identificação dos agricultores brasileiros com a Alternância também evoca esse sentido da busca por outra escola, diferente da escola rural ou do modelo de escola hegemônica da cidade, que ele conhece e que nela não se sente parte, não vê sentido nela para sua realidade (BEGNAMI, 2019, p.139).

A EFAP foi fundada no ano de 2002, na cidade de Acaiaca, microrregião de Ponte Nova. Oferece o Ensino Médio integrado ao Curso Técnico em Agropecuária e Educação de Jovens e Adultos - Ensino Fundamental - Anos Finais e o Curso Técnico em Agropecuária Integrado à Educação de Jovens e Adultos - EJA - Ensino Médio. Quanto ao seu calendário escolar, é organizado, segundo a pesquisadora Clarissa Nascimento, em sessões. Sendo, 10 Sessões Escolares (SE) e 9 sessões no Meio Sócio Profissional (MSP), com duração de 15 dias cada. (DUARTE, 2018, p.51). Nesses 15 dias, um momento é destinado no Centro de Formação

e outro momento de estudo na comunidade, ou seja, nas casas dos alunos. Quanto ao seu quadro de funcionários, a EFAP conta com 10 monitores, um diretor e a vice-diretora e pedagoga.

No Projeto Político da EFA Paulo Freire (PPP, 2022), relata que as EFA's se baseiam em três princípios, sendo eles: (I) uma associação responsável, gestora do projeto, formada de pais e interessados pelo futuro do campo; (II) uma metodologia específica, apropriada à realidade do campo, a Pedagogia de Alternância e (III) uma formação integral baseada nos princípios da solidariedade e da ajuda mútua.

A partir desses princípios apresentados pelas EFAs, buscaremos uma articulação com a cultura e a comunidade através dos valores civilizatórios afro-brasileiros proposto pela pesquisadora Azoilda Trindade (2010). Buscamos observar o que há de semelhante nas propostas apresentada pela metodologia da Pedagogia da Alternância e o que a autora propõe como valores fundamentais para se trabalhar na educação. Apesar da Pedagogia da Alternância já ter em si seus pressupostos de diálogo com a comunidade, a EFA Paulo Freire traz em seu PPP a ênfase na dimensão cultural. Sendo esse um dos fatores que motivou a escolha da escola como objeto desta pesquisa, pois ao visitar o espaço e conhecer seu Projeto Político Pedagógico, percebemos uma forte presença da discussão racial, mesmo que de forma sutil nas nomeações, muitas vezes apresentado em caráter de cultura popular. Ou seja, o ponto decisório em outras palavras, foi estar localizada dentro de uma comunidade quilombola e localizada na zona rural.

2. PROPOSTAS PARA PENSAR A EDUCAÇÃO NO MEIO RURAL: UM OLHAR NEGRO-AFRICANO

Lidar com as africanidades que envolvem a construção das instituições nos territórios quilombolas é um caminho para compreender o que chamamos de experiências negro-africanas no cotidiano da EFA Paulo Freire. Sendo ela uma instituição de suma importância dentro da zona rural, pois reúne diversas experiências, diversas culturas, valores e saberes dos sujeitos que estão ali presente no território de vivência. O que permite perceber como a escola se organiza para a transmissão dos saberes tradicionais. De acordo a autora Nathane Alves Cruz:

A Educação do Campo (ARROYO, 2004; CALDART, 2004; PALUDO, 2001), pensada a partir dos princípios da Educação Popular, consiste em um processo contra hegemônico que valoriza a vida e, logo, os contextos dos sujeitos como o grande espaço do saber, tendo a cultura como um dos seus principais focos, já que todo sujeito

possui uma cultura e saberes que já são intrínsecos ao seu espaço de vivência (CRUZ,2020, p.9).

Tal afirmação nos indica a importância dessa relação entre comunidade-escola para compreendermos a formação educacional para a vida que dialogue com a cultura, com a experiência e a vivência dos sujeitos. É nesse sentido que buscamos identificar os valores civilizatórios africanos e afro-brasileiro no cotidiano da Escola Família Agrícola Paulo Freire. E analisar assim, como essas práticas pedagógicas são realizadas no contexto educacional. Um paradigma metodológico que nos servirá de base para essa análise é os Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros, pesquisado pela autora Azoilda Trindade (2010) a partir das experiências negras-africanas aqui na diáspora brasileira. A pesquisadora pontua sobre a expressão Civilização Afro-brasileira, onde diz, que:

[...] temos a intenção de destacar a África, na sua diversidade, e que os africanos e africanas trazidos ou vindos para o Brasil e seus e suas descendentes brasileiras implantaram, marcaram, instituíram valores civilizatórios neste país de dimensões continentais, que é o Brasil. Valores inscritos na nossa memória, no nosso modo de ser, na nossa música, na nossa literatura, na nossa ciência, arquitetura, gastronomia, religião, na nossa pele, no nosso coração. Queremos destacar que, na perspectiva civilizatória, somos, de certa forma ou de certas formas, afrodescendentes. E, em especial, somos o segundo país do mundo em população negra (TRINDADE, 2010, p.30).

Como percebemos, as experiências tradicionais negro-africanas são transmitidas de forma geracional no cotidiano da comunidade negra, são as mesmas experiências que ocorrem no campo ou até mesmo no meio urbano, de forma ressignificada, por mais que não estejam politizadas como africanas, estão ali no cotidiano das pessoas pretas. A autora propõe alguns aspectos afro-brasileiros que “são caros à Educação”. Sendo eles, o Princípio do Axé (Energia vital); a Oralidade; a Circularidade; a Corporeidade; a Musicalidade; a Ludicidade e a Cooperatividade. Passaremos de forma breve para a explicação desses conceitos trazidos por Trindade, por serem fundamentais para entendermos, ao decorrer deste artigo, como estão interligados no cotidiano da EFA Paulo Freire.

O Princípio do Axé, segundo a autora, é tudo aquilo que é vivo, que existe. A energia vital, como as plantas, a água, os animais, o ar, o tempo, tudo aquilo que é sagrado e interage. Discorre também sobre a Oralidade, que é uma expressão oral nossa carregada de sentido e de marcas de nossas existências. Para a autora, é importante fazermos de cada um de nós, contadores de histórias, compartilhadores de saberes, memórias, desejos e fazeres pela fala. A autora nos conta sobre a circularidade, a importância da roda em nossas dinâmicas, pois é um valor civilizatório africano. Para ela, o movimento, a circularidade, a renovação, o processo, a

coletividade, tudo está presente nas rodas de samba, na capoeira, as histórias ao redor da fogueira. Experiências tão presentes no nosso cotidiano (TRINDADE, 2010, p.33).

Outro ponto é a corporeidade. Azoilda Trindade (2010) aborda esse princípio com sendo sobre a importância do corpo. Para a autora, é com ele que vivemos e existimos no mundo. Foi com ele que trazemos experiências civilizatórias para as Américas, quando fomos arrancados do continente no crime da escravidão. Diante disso, chama-nos a atenção para valorizarmos os corpos como possibilidade de construções, produções de saberes e conhecimentos coletivizados, compartilhados (TRINDADE, 2010, p.34).

No princípio da musicalidade, a autora aborda como um dos aspectos mais emblemáticos da nossa civilização, pois a música se torna presente como a marca da nossa africanidade, diz da importância de ouvirmos músicas que falem de nossa cultura, que desenvolva nossos sentidos, nosso gosto para música. Trindade (2010) nos traz o princípio da ludicidade, apontando sobre a alegria, sobre o gosto pela diversão e pela celebração. Para a autora, somos um povo que afirma cotidianamente a vida, um povo que quer e deseja viver (TRINDADE, 2010, p.34).

Portanto, a brincadeira é celebrar também essa existência, o axé, a vida. E por fim, traz a cooperatividade. Segundo a autora, é importantíssimo pensarmos na cultura do plural, no coletivo, no compartilhar e no preocupar e ocupar se com o outro (TRINDADE, 2010, p.35). É nessa chave de observação que propúnhamos olhar para as experiências dos povos no meio rural.

As nossas africanidades envolvem a construção das experiências, onde, os saberes ancestrais estão sempre fazendo parte do cotidiano das comunidades pretas no Brasil, seja as famílias das áreas rurais, ou das áreas urbanas. Contudo, podemos inferir a EFA Paulo Freire como uma instituição dentro no contexto de educação rural, permite que alguns valores permaneçam em seu interior, valores estes que em algumas escolas no meio urbano ficam mais sutis na nossa percepção diária devido ao forte envolvimento com os valores ocidentais das cidades.

Dessa forma, partindo do pressuposto dos questionamentos que moverá esta pesquisa, buscaremos compreender a partir dos dados coletados como essas experiências são desenvolvidas e mantidas e como esses valores e as simbologias africanas são transmitidos e ressignificados na diáspora, permanecendo socialmente na EFA Paulo Freire em Acaiaca.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Algumas perguntas foram fundamentais para a construção do percurso metodológico desta pesquisa. Levantamos questionamentos como: quais são essas experiências negro-africanas que podemos perceber no cotidiano da Escola Família Agrícola Paulo Freire? Isso motivou ter um olhar atento para as experiências que se apresentaram de forma sutil ou não no espaço da escola. Outra questão foi qual a relação dessas experiências com os princípios e pressupostos levantados por Azoilda Trindade (2010)? A partir desses questionamentos foi possível identificar e refletir sobre os valores civilizatórios africanos e afro-brasileiro no cotidiano da Escola Família Agrícola Paulo Freire e analisar como as práticas pedagógicas são realizadas e contribuem para a formação dos sujeitos.

Para compreendermos a construção metodológica do presente artigo, optamos pela pesquisa qualitativa. Utilizamos alguns instrumentos para a coleta de dados sendo eles, a observação participante com diário de bordo, análise documental - vídeo, foto e o PPP - e entrevistas semiestruturadas. De acordo com a pesquisadora Lisete, a Observação Participante, seria:

[...] uma metodologia muito adequada para o investigador apreender, compreender e intervir nos diversos contextos em que se move. A observação toma parte no meio aonde as pessoas se envolvem. Por um lado, esta metodologia proporciona uma aproximação ao cotidiano dos indivíduos e das suas representações sociais, da sua dimensão histórica, sócio-cultural, dos seus processos (MÓNICO, 2017, p.727).

Sendo assim, a Observação Participante se faz um instrumento interessante como suporte para as observações feitas do cotidiano da EFA Paulo Freire. Como forma de registro também, a pesquisa se apoia no Diário de bordo. Segundo a pesquisadora Dias, que o Diário de bordo é:

Utilizado como instrumento metodológico de registro pessoal, ele foi popularizado na pesquisa etnográfica, introduzida na Antropologia por Malinowski (MAGALHÃES et al, 2017), como meio de tomar notas de detalhes de suas viagens e de seus contatos com outros povos, grupos sociais e culturas, de forma a conhecer melhor e documentar os hábitos e costumes, tornando-se fundamental no movimento da pesquisa qualitativa (MURAD, 2017). Serve tanto como fontes analíticas da pesquisa quanto como um recurso à memória em análise de outras/os fontes/dados (DIAS, 2021, p. 22).

Os registros feitos no caderno sobre o contexto da escola foram de grande importância para a reflexão dos valores civilizatórios que ali se encontram presentes. As fotos foram também registros fundamentais para a dimensão visual dos princípios que queremos salientar

nessa construção de trabalho e que será de grande subsídio para dar sustentação aquilo que passa despercebido no fazer cotidiano das atividades, que serão não menos importantes, mas fundamentais para a análise das experiências a partir dos princípios e pressupostos dos Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros fundado por Azoilda Trindade (2010) e o conceito de negro-africano pensado por Marco Aurélio Luz (2017), possibilitando ampliarmos nossas interpretações.

A entrevista semiestruturada é, de acordo com a pesquisadora Ana Cláudia, “uma técnica de pesquisa de geração de dados que viabilizam o relato daquilo que as/os participantes consideram mais relevante sobre o tema abordado”. (DIAS, 2021, p. 73) E ressalta ainda, que estes “instrumentos proporcionam liberdade ao participante para expressarem livremente o que considerarem pertinente, tornando-se fundamental para a análise do significado representacional” (DIAS, 2021, p. p.74). As entrevistas ocorreram de forma individual com cada participante e foram feitas mediante a gravação de chamadas via a plataforma Google Meet ou aplicativos no celular. Reafirmando que a pesquisa foi concedida com autorização dos envolvidos e com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE assinado.

A entrevista para a construção deste artigo foi com uma monitora da Escola Família Agrícola Paulo Freire. Filha de pai professor de história e mãe economista rural, onde trabalhava com as regulações de comunidades quilombolas. Foi escolhida para o trabalho pelo motivo de ser como relatou os alunos “a professora que trabalha bastante com as questões de identidade na escola” (Notas de campo, 06/09/2022 p.01). Como nos conta em entrevista, a monitora da EFAP,

Então essa questão é muito abordada nas minhas aulas, tanto em sociologia, quanto filosofia, quanto história, porque eu busco né sempre tá estudando, sempre tá fazendo referência as filosofias africanas, indígenas. A histórias africanas, indígenas e também na sociologia é a gente parte sempre da pesquisa da realidade né de cada comunidade dos estudantes né e das estudantes.⁸

Sendo uma das monitoras que contribui para a criação de diversas atividades em sala de aula, e está em especial fundamentada também na Pedagogia Griô, tais como: o Jogo da Trilha, o Jogo Estrela Comunitária, dentre outras.

Definimos quatro categorias analíticas dos dados, sendo elas: I) a relação comunidade-escola, II) os valores africanos e IV) a relação EFAP com o desenvolvimento da comunidade.

⁸ Entrevista realizada com Érica através do WhatsApp no dia 13/09/2022 por Walkiria Gabriele.

Nos referenciamos a partir do paradigma metodológico dos Valores Civilizatório Afro-brasileiros (TRINDADE, 2010), pois este, permite fazermos uma interpretação com uma dimensão mais completa da experiência por si só, como agentes da construção dos saberes.

Os diálogos aqui presentes na contextualização da trajetória da Pedagogia da Alternância e da EFA até chegar no Brasil, foram proporcionados através dos autores Azevedo (2005), Gimonet (2007), Teixeira (2008), Silva (2012), Caliari (2013), Duarte (2018), Begnami (2019), e Cruz (2020). Podemos, após essa revisão da literatura, analisar nosso sujeito da pesquisa de forma racializada e questionar sobre a importância de uma discussão a partir de uma perspectiva onde o conhecimento africano esteja presente nas áreas da Educação. Fizemos o diálogo dessa discussão com os autores Trindade (2010), Luz (2017), Sodré (2017), Biko (1990), dentre outros.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

Neste capítulo, cumpre destacar a experiência da ida à Escola Família Agrícola Paulo Freire em Acaiaca - Minas Gerais, assim como as respectivas observações sobre o contexto educacional da escola, bem como a observação do seu cotidiano e a relação dos valores civilizatórios africanos presentes na experiência diária.

4.1 A ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA PAULO FREIRE

Para chegar na escola, percorremos uma estrada de chão, ou melhor de terra, observando pela janela do transporte a extensa vegetação e os animais pastando. O caminho de ida já nos indica a relação da natureza e as comunidades na zona rural. Um ponto interessante de ressaltar, é que cada entrada na estrada de terra é a entrada de uma comunidade. Ao se aproximar da escola, temos uma placa grande escrito o nome da instituição, Escola Família Agrícola Paulo Freire, e logo na frente dela, uma entrada de terra anunciando a comunidade de Boa Cama.



Figura 1 Fachada da Escola de Família Agrícola Paulo Freire – EFAP Foto: Arquivo pessoal da pesquisadora / Foto tirada em visita do dia 06/09/2022 na EFAP

A partir da visita realizada na EFA Paulo Freire no dia 06 de setembro de 2022, podemos perceber o funcionamento da escola, assim como também observar as relações dos sujeitos e as experiências educacionais. No momento da visita, a escola estava desenvolvendo a sua 8ª sessão, ou seja, faltam somente duas sessões para encerrar as 10ª sessões.

Ao entrar na EFAP é como se estivesse entrando no terreiro de uma casa de família. A movimentação dos estudantes se fazia presente em todos os espaços, alguns se encontravam dormindo, pois levantam muito cedo para a primeira aula, que acontece geralmente às sete horas da manhã. Outros estavam cumprindo a organização do seu espaço.

Observei que os alunos após o lanche da tarde, cada um tem uma função no seu espaço. Então tinha alguns buscando ovos, varrendo o pátio, outro indo na horta. Quando cheguei no almoço, tinha dois alunos lavando as vasilhas no tanque. Então percebe-se que as tarefas são administradas também de forma comunitária na escola. Onde cada

um tem também uma função a zelar pelo espaço, deixando ele limpo e organizado (Notas de campo, 06/09/2022, pg. 01).

As equipes são separadas de acordo com o PPP, por nomes de representantes da educação, tais como Equipe: Dom Luciano, Darcy Ribeiro, Margarida Alves, Irmã Doroth, Chico Mendes, Paulo Freire e Che Guevara. Podemos perceber nessas nomeações a forte influência do socialismo e comunista da esquerda na elaboração do projeto da escola. Onde assim, cada grupo de alunos ficam responsáveis em conjunto com o monitor de cumprir suas funções diárias no espaço.

A estrutura é bem acolhedora, por ter uma relação diretamente ligada à natureza, talvez seja por isso como relata uma das alunas que “as horas passam mais rápido quando têm pessoas visitando a escola, mas no geral, elas sentem que as horas demoram a passar” (Notas de campo, 06/09/2022, pg. 01).

A escola é dividida em dois andares. No primeiro andar contém o dormitório masculino, a sala de informática e uma sala de aula que está em reforma e a cantina, que é bem grande com um fundo espaçoso para o refeitório. Tem a sala pedagógica, a sala de ferramentas e a secretaria logo na entrada da escola e os banheiros. No segundo andar ficam os dormitórios femininos e o dormitório das monitoras, o centro de memória e vivência sociocultural freiriano, a biblioteca que está sendo usada como uma sala de aula atualmente devido à reforma, a sala de instrumentos, uma sala de aula e a lavanderia. No pátio, já na entrada tem uma vista para a quadra de grama, outra quadra coberta, ambas bem grandes e um Centro Básico de Saúde de Acaiaca.



Figura 2 - Viveiro Estufa na EFA Paulo Freire. Foto: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Há uma horta e estufa de sementes e mudas de plantas, como podemos observar na imagem da figura 2. Algo bastante interessante na escola é a criação de animais, como coelho, codorna, porcos e galinhas. Onde ficam próximo ao biogerador, que produz o gás a partir de uma tecnologia sustentável.

4.2 QUANTO À RELAÇÃO COMUNIDADE-ESCOLA: QUEM SÃO OS SUJEITOS DA EFA PAULO FREIRE?

Podemos agora nesse segundo momento, estabelecer uma conexão com o espaço da escola e com a comunidade. As formas de conhecimentos ancestrais que os povos das comunidades quilombolas trazem é muito significativo na escola e isso acontece pela diversidade de alunos moradores dessas comunidades que são recebidos na escola quinzenalmente. Segundo a monitora, “a escola é um centro cultural da comunidade né e que de 15 em 15 dias recebe mais 20 comunidades né, então no centro que se encontra pessoas de mais 20 comunidades rurais.”⁹ A escola passa a ser não só um espaço de aprendizagem educacional, como cultural também, pois nesse mesmo espaço, os moradores da região fazem seus encontros, seja para uma organização de festivais religiosos, como também culturais da região. A escola segue como uma ponte de diálogo entre comunidade-escola. Para Sebastião Farinhada:

Tudo isso é o que anima esses grupos a continuar a sua devoção aos Santos Reis, a nossa senhora do rosário, ao santo padroeiro das comunidades e a escola é o grande espaço desse território que permite esses grupos se encontrar, por exemplo, amanhã a gente tá contando com a presença de vários grupos que são dessas comunidades que eles só se apresentam aqui, na festa da terra.¹⁰

Além da Comunidade de Boa Cama, onde está localizada a escola, tem também, considerada a maior da região, a Comunidade de Volta Grande, onde a partir do movimento cultural organizado pela EFAP de preservação dos saberes, os moradores dessa comunidade resolveram criar um grupo de Folia dos Reis, como nos conta a moradora e monitora da EFPA,

Você viu a benzedeira lá tinha Tia Quirina né preta. Agricultura Familiar né? Volta Grande tem a comunidade, eu considero uma comunidade quilombola né? Eu não sei a história todos nem eles sabem, eu já perguntei né pra Mara ela não me contou, mas sabe que tem descendência, ela não sabe contar como que parou ali, quanto tempo que

⁹ Entrevista realizada com Érica através do WhatsApp no dia 13/09/2022 por Walkiria Gabriele.

¹⁰ Entrevista disponível em: [10ª Festa da Terra e Aniversário da EFA Paulo Freire - Acaiaca MG](#) Acessado em 12/09/2022.

tem a comunidade, mas é todo mundo da família dela, os mais velhos é o pai e a mãe dela, e eles não... o pai dela parece que já tinha em outra comunidade que ele morava, dançado e cantado Folia de Reis, mas ele não era tradicionalmente da Folia de Reis, mas eles resolveram abrir um grupo aqui a partir mesmo movimento da escola, da EFA Paulo Freire de preservação né desses saberes. Aqui também tem muita, assim como tem Agricultura Familiar né as famílias usam né as plantas medicinais para cura sim para fazer chá né e trocam né, trocam sementes, trocam mudas, trocam receitas de cura. Então são esses saberes que eu identifico aqui né?¹¹

É interessante notarmos esse movimento entre o espaço da escola com o espaço da comunidade, uma vez que estão em conexão podem reafirmar, valorizar e preservar os saberes africanos de acordo com os sujeitos que moram e frequentam a escola. Quando chamamos atenção de um olhar negro-africano para essas experiências é no intuito de localizarmos de onde vem esses saberes africanos, quem são seus protagonistas?

Para compreendermos como esses viveres estão imbricados nas experiências da EFA Paulo Freire e como esses princípios se constituem, podemos perceber que um dos principais fatores, é por ser uma escola onde a sua constituição é da maioria de pessoas pretas. Conforme traz os dados da pesquisadora Nathane Cruz que foi uma das monitoras da EFAP, como observa:

Mais de 90% das/dos alunas/os da EFA Paulo Freire são negras/os, quase todas/os camponesas e de classe baixa. Essas informações foram essenciais para direcionar as temáticas que compartilharemos em sala de aula. Fala-se muito em povos, nossos povos... E, então, surge a questão: quais povos são esses? Vem à tona, então, os povos negros, quilombolas, indígenas, camponeses. Curiosamente, povos que, quando aparecem na História e nos saberes propostos pela escola, são estigmatizados e diminuídos, escondendo histórias e saberes de extrema importância para a história da humanidade (CRUZ, 2020, p.22).

A racialização desses sujeitos é fundamental, pois a coordenadora da EMATER, diz que a organização não tinha esse olhar de forma mais atenta aos povos pretos e moradores da região. Como relata em entrevista,

O nosso trabalho é muito direto com a agricultura familiar, a gente tá todos os dias nas comunidades e quando a gente vem falar desse tema sobre povos quilombolas é ainda mais importante. Porque muitas das vezes a gente atende uma comunidade onde a sua população é da maioria é negro e a gente talvez até então não tinha tido esse olhar mais voltado né para a questão dos negros né, dos direitos e trabalhar mais essa questão até do registro das comunidades quilombolas.¹²

Além de sabermos quem são os moradores das comunidades em torno da EFAP é fundamental observarmos como ainda são ausentes nas abordagens da EMATER, o trabalho pelo reconhecimento e registro das terras quilombolas das regiões da Zona da Mata. Que apesar

¹¹ Entrevista realizada com Érica através do WhatsApp no dia 13/09/2022 por Walkiria Gabriele.

¹² Entrevista disponível em: [10ª Festa da Terra e Aniversário da EFA Paulo Freire - Acaiaca MG](#) Acessado em 12/09/2022.

de muitos territórios ainda não serem reconhecido pelos moradores, ou pelo meio institucional como quilombola, existe nesses espaços uma grande relação dos valores africanos presentes, e como a relação parentescos são fundamentais para a sobrevivência dos moradores, como também observa a monitora,

Essa importância a própria ideia de comunidade rural é um sentimento comunitário que também é forte aqui né, eu não sei, com certeza tem né troca de mutirões, mas eu não participei e nem soube de nenhum, só imagino, mas tem esse sentimento de comunidade né tem muitos parentes né, família em uma casa, não só lá em Volta Grande, como aqui também em Boa Cama, eu vejo que tem muitas, a maioria parente né?¹³

Estar em família, é um dos princípios africanos que John Henrik Clarke (2021) chama nossa atenção. Para o pesquisador, pensarmos a emancipação através da família é fundamental, pois não só determina o poder de um povo, como também sua autonomia e liberdade. Importante essa afirmação, pois ele nos traz a reflexão de como é importante essa autonomia do povo que mora nas áreas rurais, principalmente dos povos descendentes de africanos e que ali estão estabelecidos em terrenos renomeados de quilombos ou remanescentes de quilombos.

Sendo assim, como aponta Maulana Karenga (2009), é importante trazeremos para a nossa reflexão neste trabalho acadêmico a importância desses valores africanos, pois,

se enraizar nos interesses humanos dos povos africanos é ancorar-se nas mais altas visões e valores africanos e nas justas demandas sobre a vida e a sociedade que nós partilhemos com outros povos e que representam o melhor do que é ser africano e ser humano no sentido mais pleno. Esses valores incluem, necessariamente, um compromisso profundo com a verdade, a justiça, a liberdade, a dignidade, a comunidade, o respeito mútuo, o bem partilhado, e outros princípios que dão a fundação e a estrutura para construir, sustentar e enriquecer o mundo nas suas dimensões sociais e naturais. (KARENGA, 2009, p.352)

Vamos conhecer alguns desses valores, apontados pelo autor Karenga (2009) e pela Azoilda Trindade (2010) a partir dos Valores Civilizatório Afro-Brasileiro, conceito esse que aborda os valores numa perspectiva onde os africanos na diáspora brasileira sejam entendidos enquanto sujeitos históricos.

De acordo com os autores Petrônio Domingues e Kim Butler, “as diásporas são um tipo dinâmico de comunidade, baseado na lógica primordial da família; diversas pessoas espalhadas por muitos lugares que, no entanto, se percebem unidas por uma ascendência comum e, em particular, conectadas a um local comum de origem” (BUTLER; DOMINGUES, 2020, p.03). Para esses autores, a diáspora tem haver também com o espalhamento das pessoas da sua terra

¹³ Entrevista realizada com Érica através do WhatsApp no dia 13/09/2022 por Walkiria Gabriele.

de origem. Ou seja, trazem consigo seus valores, sua forma de viver, perceber a realidade, seus costumes e sua cultura.

Já para o sociólogo africano Bas'Ílele Malomalo, a diáspora africana é criada a partir “das migrações africanas, forçadas ou voluntárias, desde a Antiguidade, povoaram-se outros territórios fora do continente africano, formando o que chamamos de diásporas africanas – e que usualmente é usada no singular: diáspora africana” (MALOMALO, 2017, p.20).

4.3 OS VALORES AFRICANOS PRESENTES NA ESCOLA-COMUNIDADE

Abrir nosso diálogo a partir do **axé (energia vital)** é fundamental para o cumprimento das nossas realizações, ou pelo menos, das possibilidades de análise das continuidades que propusemos estabelecer neste artigo. O axé como energia vital, pensado pela autora Azoilda Trindade, é “tudo aquilo que é vivo, que existe, como as plantas, água, pedra, gente, bicho, ar, tempo, tudo é sagrado e está em interação” (TRINDADE, 2010, p. 33).



Figura 3 - Porco se alimentando no chiqueiro da EFAP. Foto: Arquivo pessoal da pesquisadora / Foto tirada em visita do dia 06/09/2022 na EFAP.

Quando a autora aponta essa relação entre natureza, seres vivos (animais, plantas, humanos e minerais) ela está reafirmando os valores negros-africanos. A presença dos animais de criação nas roças e os cuidados com a agricultura é um costume tradicional dos povos africanos e seus descendentes africanos nas diásporas. Podemos observar esses valores na fala de Sebastião Farinhada,

Uma coisa bonita, todas as famílias das comunidades doam uma alimentação que a gente come no dia da festa, isso é uma coisa boa, isso é uma que tem que valorizar. A cultura da alimentação nessa região aqui o povo ainda lava arroz na cuia, você vai encontrar no fundo de quintal a galinha caipira, a galinha índia brigadeira. Então isso vai vendo que faz o povo ser forte, são essas tradições que eles ainda mantêm nessa região e sobretudo na comunidade Boa Cama.¹⁴

Ou seja, cuidar do terreiro de casa e também da terra é uma função primordial das comunidades pretas. É a vida que alimenta, nutre e gera energia vital, como já ressaltado, a existência e expansão do axé. Para Juana Elbein dos Santos,

O àse é a força que assegura a existência dinâmica, que permite o acontecer e o devir. Sem àse, a existência estaria paralisada, desprovida de toda possibilidade de realização. É o princípio que torna possível o processo vital” (SANTOS, 2019, p.40).

O que está diretamente ligado com a cooperatividade das famílias, tanto com a escola, quanto com a comunidade para manter a energia viva, do funcionamento do espaço. O trabalho de **cooperatividade** que dá o sustento para o cuidado com a saúde, com o plantio, com as famílias e conseqüentemente com a escola-comunidade. Esse princípio é importante para reafirmar os laços da família africana que desde os tempos do crime da escravidão foi e continua sendo atacado pelas diversas formas de genocídio do povo preto. Se manter unidos em família, é o que mantém a comunidade viva. Momentos importantes são observados nesse processo de partilha. Compartilhar a comida, os saberes, as sementes, são elementos que estão presentes na Festa da Terra¹⁵, como diz o diretor da escola.

Conforme Marco Aurélio Luz, cientista social, aponta algumas experiências nas sociedades africanas que dialogam com as experiências muito comuns nas zonas rurais, como o processo de produção agrícola onde a cooperação está muito presente. Esse processo de cooperação se caracteriza como um sistema produtivo podendo ser extenso ou restrito. Como afirma o Luz, na cooperação extensa “os meios de produção, incluindo os instrumentos de trabalho, são, portanto, coletivos ou comunitários, ficando, todavia, confinados à orientação e guarda dos mais velhos, que representam a comunidade de produção, vila ou aldeia”. (LUZ, 2017, p. 83.) Já na cooperação restrita, a forma é constituída em equipes de trabalho no ramo familiar. (Ibidem p. 84) E arremata ainda que, as formas de cooperação extensas foram implantadas no Brasil, constituindo a instituição chamada mutirão (LUZ, 2017, p. 84).

¹⁴ Entrevista disponível em: [10ª Festa da Terra e Aniversário da EFA Paulo Freire - Acaiaca MG](#) Acessado em 12/09/2022.

¹⁵ Entrevista disponível em: [10ª Festa da Terra e Aniversário da EFA Paulo Freire - Acaiaca MG](#) Acessado em 12/09/2022.

A cooperatividade está presente na forma como as funções e espaços são divididos no funcionamento da EFAP. Pensar nisso, nos remete como os valores africanos se apresentam de forma sutil no viver dos sujeitos. Desde arrumar as cadeiras ao fim de cada atividade, até lavar louça, roupas e cuidar do espaço, a divisão coletiva das obrigações se tornam comunitárias, é o mesmo movimento que vemos nos mutirões para construção de casas ou quando acontece alguma ocorrência que exige a comunidade se reunir em prol da partilha e contribuição. Momentos observados no momento da visita à escola foram fundamentais para a nossa compreensão do que Trindade (2010) chama de cooperatividade. Nessa linha, “a cultura negra, a cultura afro-brasileira, é cultura do plural, do coletivo, da cooperação. Não sobreviveríamos se não tivéssemos a capacidade da cooperação, do compartilhar, de se ocupar com o outro. Podemos observar esses valores na fala da monitora, nas práticas cotidianas da EFAP, nos conta que,

Então esses valores que a gente conversou na formação lá com os meninos né, o valor desse sentimento de comunidade, de responsabilidade comunitária, autogestão né da escola, as aulas são todas em rodas não só na minha disciplina com todas ou são práticas né, porque o técnico em Agroecologia é muito valorizado em Agropecuária com ênfase na Agroecologia, então tem também essa perspectiva da Agroecologia também é um valor africano de respeito à natureza de aprender com ela né, então tem a troca de sementes. Tem o projeto de troca de sementes, chama-se Ciranda da Sementes, lá tem a casa das sementes, guardião de sementes, tem as pancs, tem as mudas que nos eventos tem troca de mudas, e que o curso todo né de agropecuária com essa ênfase nos valores tradicionais né, tanto como indígenas, mas nessa relação da comunidade ser protagonista né?

Quando o professor de geografia Leonardo Carneiro, fala sobre o reconhecimento das práticas, dos conhecimentos africanos e dos territórios¹⁶ como algo crescente, dialoga exatamente com esse processo de reconhecimento dos sujeitos africanos e descendentes de africanos pela sua história. Segundo Sebastião Farinhada,

A Festa da Terra na Escola Família Agrícola Paulo Freire, ela tem um objetivo muito importante que é promover o encontro dos grupos culturais dessa região do entorno do Rio Piranga. O município de Acaiaca, ele tem vários grupos culturais de folia, de congada, batuque. Nós temos nos municípios vizinhos o grupo de marujo, grupo de quadrilhas. Várias manifestações culturais que é muito importante para essa comunidade e o mais interessante que essa cultura ela pertence a um povo, que é o povo tradicional, o povo das comunidades quilombolas.¹⁷

¹⁶ Entrevista disponível em: [10ª Festa da Terra e Aniversário da EFA Paulo Freire - Acaiaca MG](#) Acessado em 12/09/2022.

¹⁷ Entrevista disponível em: [10ª Festa da Terra e Aniversário da EFA Paulo Freire - Acaiaca MG](#) Acessado em 12/09/2022.



Figura 4 - Elementos que compõem a roda em uma atividade realizada na EFA na Festa da Terra. Fonte: Print do vídeo 10ª Festa da Terra da EFA Paulo Freire - Acaiaca MG

Podemos reparar nesse momento da atividade na escola onde é promovida uma atividade de reconhecimento desses valores civilizatórios afro-brasileiros como fundamenta Azoilda Trindade. O princípio da **circularidade** se torna presente. Conforme Renato Nogueira, professor e filósofo, afirma que " a roda inclui, alinhando lado a lado os mais diferentes tipos de visões de mundo (NOGUEIRA, p.410).

Observamos que a roda está presente tanto na composição dos sujeitos como também dos materiais expostos em formato de círculo no chão para serem analisados pelos participantes. Materiais estes que são fundamentais no cotidiano das comunidades pretas como o balaio ou também chamado de peneira, usada para separar grãos de milho, peneirar arroz, café dentre outros elementos para o preparo das refeições, assim como para a colheita. O berimbau marca também a relação com os valores negros-africanos trazendo a roda de capoeira.

Os alunos da EFAP têm aula de percussão, maculelê e capoeira. São fundamentos culturais africanos importantíssimos para compreendermos sobre os movimentos do nosso corpo. Nessa imagem, nos mostra como o equilíbrio, os gestos, os movimentos são marcos de uma **corporeidade** africana rica, que conduz toda uma narrativa de uma história, seja a capoeira, os instrumentos musicais, dentre outros, a história é contada a partir do corpo, do movimento, o que torna a formação dos estudantes rica de valores na prática do dia-a-dia. Observemos na foto alguns elementos citados acima,



Figura 5 - Alunos da EFAP em roda na sala de aula. Foto: Arquivo pessoal da pesquisadora / Foto tirada em visita do dia 06/09/2022 na EFAP.



Figura 6 - Apresentação de dança na Festa da Terra na EFAP. Fonte: Print do vídeo 10ª Festa da Terra da EFA Paulo Freire - Acaiaca MG.

De acordo com Trindade (2010) o princípio da **Oralidade** está presente nas histórias que são compartilhadas através dos contos, músicas, lendas, parlendas, os fatos do cotidiano, segundo a autora, seria a “nossa expressão oral, nossa fala é carregada de sentido, de marcas de nossa existência” (TRINDADE, 2010, p.33). Conforme os autores Catherine C. Fourshey, Rhonda M. Gonzales e Christine Saidi na obra *África Bantu de 3.500 a. C até o presente*, explica como é importante a tradição oral das sociedades africanas. Segundo os autores,

Nas sociedades que as preservam, as tradições orais são valorizadas e guardadas, assim como as sociedades letradas valorizam e preservam e a proteção de documentos escritos. Elas narram as origens de uma comunidade e preservam as genealogias e

histórias familiares. E os povos fazem o uso das tradições para educar e socializar os membros da comunidade (FOURSHEY, et.al 2019, p.79).

Esse mesmo uso das tradições podemos observar na atividade desenvolvida pela monitora entrevistada, apresentada nas duas imagens abaixo:



Figura 5 - Exposição da atividade Estrela da Comunidade. Fonte: Foto da monitora concedida pelo WhatsApp.

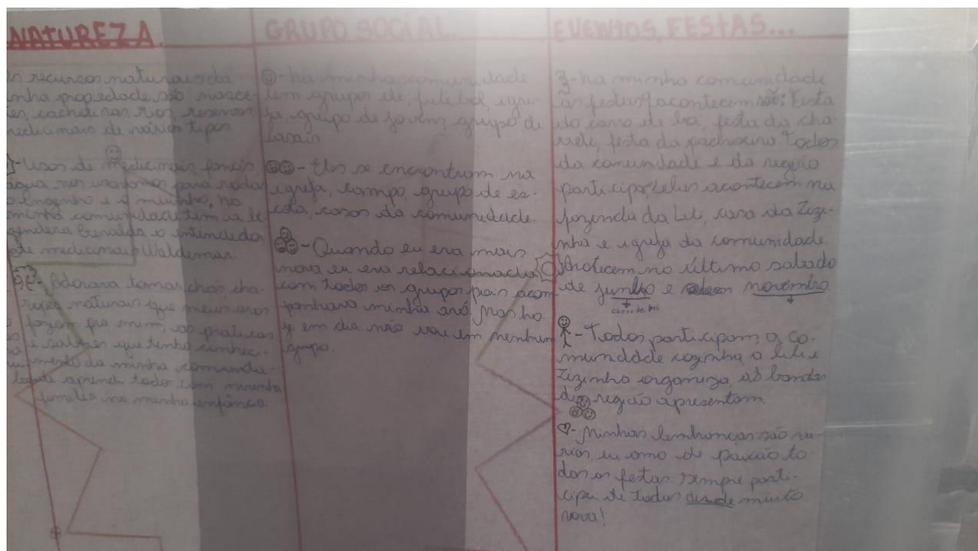


Figura 6 - Atividade Estrela da Comunidade. Fonte: Foto da monitora concedida pelo WhatsApp.

A Estrela da Comunidade, segundo a monitora, é uma atividade que busca refletir e valorizar as relações triangulares, com quatro triângulos: triângulo das histórias, o triângulo dos grupos sociais, o triângulo das festas e eventos, e o triângulo da natureza. Essa atividade faz um resgate dos valores comunitários que são expandidos e fortalecidos por essa experiência

da narrativa oral e escrita da vivência de cada aluno. Pois, busca instigar os estudantes através de uma pesquisa com os familiares, saber de como foi, onde tem, quando foi e os sentimentos dos estudantes em cada experiência narrada e vivida dos eixos em cada ponta do triângulo. Essa atividade, contribuiu para a produção de uma exposição dessas informações das comunidades na EFAP. Essa preservação e resgate das histórias na comunidade é um dos movimentos de preservação da história, como apontam as autoras, Catherine C. Fourshey, Rhonda M. Gonzales e Christine Saidi, para elas:

As sociedades que melhor preservaram suas tradições orais, bem como histórias familiares, canções, fábulas, provérbios, mitos e testemunhos pessoais, muitas vezes mantiveram relações com historiadores orais profissionais e confiáveis. Atualmente conhecidos pela palavra francesa *griot* o que significa “contador de histórias” eles foram responsáveis por registrar e recontar, quando necessário, informações valiosas e historicamente com precisão. O historiador e antropólogo Jan Vansina demonstrou há meio século, que a tradição oral e a história como método contribuem com informações substanciais para a reconstrução das histórias na África (FOURSHEY, et.al 2019, p.79).

A educação a partir dos valores sociais africanos é uma riqueza para o aprendizado dos alunos, aprender de forma positivada e colocando o sujeito na história são recomendações importantes na formação dos estudantes. “As sociedades orais geralmente empregam ditados curtos, provérbios e charadas para educar” (FOURSHEY, et.al 2019, p.81). E quando analisamos essa informação percebemos que essa experiência com conhecemos no Brasil os “ditados populares” estão bem presentes no cotidiano familiar do povo, e principalmente nas zonas rurais. O que traz espaço para compreendermos como essas charadas “o que é, o que é” também fazem parte da nossa experiência de entender a partir da alegria do riso, da reflexão crítica, dentre outros elementos possíveis para educar oralmente. A educadora Azoilda (2010) nos conta como “a alegria, o gosto pelo riso pela diversão, a celebração da vida” são elementos fundantes da **Ludicidade** (TRINDADE, 2010, p. 35).

Segundo a autora, “se não fôssemos um povo que afirma cotidianamente a vida, um povo que quer e deseja viver, estaríamos mortos, mortos em vida, sem cultura, sem manifestações culturais genuínas, sem axé (Ibidem, p. 35). Podemos perceber essa conexão com os sentidos da vida através da brincadeira a partir do Jogo da Trilha, criado de forma conjunta com os alunos da EFAP, a monitora nos conta que é um jogo que rendeu bastante aprendizado, reconhecimento identitário e diversão para os estudantes, possibilitando também esse resgate oral com as famílias, sobre as tradições, as manifestações culturais que possibilita essa afirmação da vida e a oralidade. Assim como relata,

O jogo de Trilha é um instrumento da Pedagogia do Griô, que é criada a partir da... do compartilhamento da Colocação em Comum né que a mediação da Pedagogia da Alternância que combina com Pedagogia Griô nesse momento assim dos meninos partilharem os saberes e fazeres tradicionais né, a Pedagogia Griô ela se baseia na tradição oral. Então é mapear a partir dos estudantes essa tradição oral e então a trilha passa pelas comunidades e você joga o dado e quando você para em uma comunidade, você tira uma cartela de uma comunidade e tem lá falando um pouquinho dela e um desafio para você fazer por exemplo, na comunidade Córrego do Meio um grupo de Congada existe há mais de 130 anos né, e para celebrar Nossa Senhora do Rosário numa festa comunitária anual que acontece durante três dias aí desafio: cante e dance uma música de Congado. Aí faz esse desafio para quem tirou a cartela, então momento também de celebração assim de divertimento né, cê se diverte aprendendo sobre todas as comunidades né? Joguei com estudantes e eles gostaram muito e porque a gente se divertiu ao mesmo tempo que aprendeu, um aprendeu com a comunidade do outro e deu esse sentimento né, essa consciência comunitária, assim né, somos todos de comunidades tradicionais.¹⁸

Podemos observar na figura 9, logo abaixo, que o mapa conta com uma variedade de comunidades que estão presentes através da matrícula dos alunos na EFAP. É um encontro muito importante de cultura e saberes, o que torna rico a aprendizagem para os estudantes. Chama-nos bastante atenção o fato de que a escola recebe alunos em torno de 20 comunidade dos estudantes em um único espaço, possibilitando compreendermos o porquê é tão forte a presença dos valores africanos na escola. Segundo a monitora, o Jogo da trilha, possibilitou o desenvolver o conhecimento geográfico, social, filosófico e histórico sobre os territórios. Onde puderam fazer uma relação entre a colonização do território e as desigualdades étnico-raciais, assim como outras reflexões sobre patriarcado, gênero, classe e a luta agrária¹⁹. Os alunos são em grande maioria de comunidades quilombolas reconhecidos ou não, formando uma taxa de 90% de alunos pretos. Dado esse, interessante de ressaltar, uma vez que os valores comunitários presentes nessas regiões permanecem e fortalecem o cotidiano da EFAP.



Figura 7 - Jogo do Mapa dos municípios de onde são os estudantes da EFAP. Foto: Arquivo pessoal da pesquisadora / Foto tirada em visita do dia 06/09/2022 na EFAP.

¹⁸ Entrevista realizada com Érica através do WhatsApp no dia 13/09/2022 por Walkiria Gabriele.

¹⁹ Entrevista realizada com Érica através do WhatsApp no dia 07/10/2022 por Walkiria Gabriele.

Um ponto interessante de observar, como informa a monitora, é que alguns alunos após a atividade desenvolvida, teve a curiosidade de pesquisar mais sobre a sua história africana, como relata nesse trecho da entrevista,

Muitos inclusive ficaram... souberam pela primeira vez só se eu pesquisar eu vou ver que a minha comunidade é quilombola, muitos se impressionaram com isso, estudando sabe? Eu falo muito assim né, trê eu tenho na minha cabeça estudantes assim, que não sabiam que eram quilombolas, e eles falaram, ah então eu sou de comunidade rural negros eu pesquisar eu vou ver que minha ancestralidade né vem dessa resistência né dos africanos trazidos desde a colonização, né foram escravizados e trouxeram a cultura e resistiram nem na terra e aí ele tiver essa consciência, olha não sabia eu também era quilombola né?²⁰

Nessa mesma linha, o educador da África do Sul Steve Biko (1990), afirma que a consciência preta é uma essência, percepção pelo homem preto da necessidade de juntar forças com seus irmãos em torno da causa de sua atuação – a negritude em sua pele – e de agir como um grupo, a fim de se libertarem das correntes que os prendem em uma servidão perpétua. (BIKO, 1990, p.66).

E arremata ainda que essa consciência preta procura “infundir na comunidade negra um novo orgulho de si mesma, de seus esforços, seus sistemas de valores, sua cultura, sua religião e sua maneira de ver a vida” (BIKO, 1990, p.66).



Figura 8 - Oficina de turbante realizada na visita da pesquisadora na EFAP. Foto: Arquivo pessoal da pesquisadora / Foto tirada em visita do dia 06/09/2022 na EFAP.

²⁰ Entrevista realizada com Érica através do WhatsApp no dia 13/09/2022 por Walkiria Gabriele.

Como podemos perceber na oficina que realizamos na EFAP, o diálogo sobre a identidade preta também se fez presente na reafirmação desse orgulho de saber mais sobre a história africana e essa aproximação com a identidade a partir do cabelo, do processo de transição capilar e do turbante.

Na oficina sobre identidade africana e cabelo crespo, foi bem interessante os relatos. Uma aluna relatou a sua trajetória até chegar no cabelo crespo natural, o que foi bem interessante, pois ela nos contou que foi a partir dela na família que outros membros também fez o processo do resgate do cabelo natural. Os meninos falaram sobre os cortes “na régua” e lembraram que quando não cortam os cabelos, eles ficam com baixa estima. E quando cortam, é o dia que mais tiram fotos, e ficam animados (Notas de campo, 06/09/2022, p.01).

O processo de reorientação psicológica dos sujeitos é um dos pressupostos apontados pela negro-africana. Essa localização psicológica contribui para uma recuperação da autonomia, da autodeterminação e conseqüentemente da história. Para Molefi Kete Asante,

Normalmente é possível determinar se uma pessoa está localizada em uma posição central em relação ao mundo africano pelo modo como ela se relaciona com a informação africana. Se ela se refere aos africanos como "outros", percebemos que os vê como diferentes de si mesma. Essa é uma das formas pelas quais funciona o deslocamento (ASANTE, 2009, p.96).

Ou seja, proporcionar aos estudantes essa localização psicológica a partir das nomeações corretas são importantes para se enxergarem como sujeitos da história, como africanos e descendentes de africanos na diáspora brasileira. Outro princípio muito presente no espaço da EFAP é a **Musicalidade**, quando abrimos a oficina com os estudantes o primeiro movimento dos estudantes foi de trazer a viola para a roda e começar a puxar algumas canções. Os estudantes não se intimidaram em começar a cantar, pois esse momento é bem comum nas salas de aulas da EFAP.



Figura 9 - Alunos da EFAP tocando violão na sala de aula. Foto: Arquivo pessoal da pesquisadora / Foto tirada em visita do dia 06/09/2022 na EFAP.

A música é encontrada em diversas experiências africanas. O canto tem um significado ritualístico importante para diversas situações. Azoilda Trindade (2010) faz um convite para aprofundarmos nos saberes dos nossos ritmos musicais, onde possamos desenvolver nossos sentidos através deles.

Segundo Marco Aurélio, “o ritmo musical é uma experiência inerente ao desenvolvimento do existir, expressando as relações dinâmicas entre o aiyê e o orum mediatizadas pela ação do ritual. O ritmo musical representa e exprime essa dimensão de maneira significativa” (LUZ, 2017, p.390). O autor fala também que esse ritmo musical acompanhado “ao som da palavra ritual pronunciada, ritmada e cadenciada, acompanhadas pelos sons dos atabaques e demais instrumentos musicais, combinam-se outras referências semióticas da liturgia negro-nagô, sobretudo a dança e as expressões gestuais, enfim, a dramatização” (LUZ, 2017, p.392).

Essa dramatização como menciona o autor seria o contar a história de forma oral com o canto e gestual com o corpo. Usar as palavras para narrar a imagem, usar o corpo para narrar a história. Podemos perceber essa experiência muito viva nas Congadas. Segundo o autor Marco Aurélio, as “Congadas são classificadas diversas manifestações dramático-religiosas, ocorridas durante as festas dos padroeiros das irmandades negras e durante o período de comemoração do dia dos reis”. (LUZ, 2017, p.301) Ainda como pontua o autor,

Nesses autos, formas dramáticas negras que sintetizam dança, música percussiva e polirítmica, cordas, sopro, etc. Cânticos poéticos de conteúdos históricos relacionados a homenagem aos ancestrais africanos e brasileiros, vestuários, bandeiras, emblemas, etc. se combinam num espaço lúdico e sagrado. (Ibidem, p.301)



Figura 10 - Sala de instrumentos musicais utilizados na EFAP. Foto: Arquivo pessoal da pesquisadora / Foto tirada em visita do dia 06/09/2022 na EFAP.

De acordo com o PPP (doravante) da EFA Paulo Freire, tem por objetivo, “desenvolver o cooperativismo em atividades de intercâmbios com grupos culturais como a Congada, Folia de Reis, Quadrilha Popular, Boi Bumbá, Boi Laranja, Maculelê, Capoeira, Maracatu e outros”. (PPP. 2022, p.30) Assim, como ressalta a monitora,

Essa cultura de base com base na natureza, com base na tradição, com base na oralidade, na comunidade, mas eu acho que é muito a metodologia muito centrada na pesquisa e é muito legal pesquisar né, mas eu acho que poderia valorizar mais outras formas de elaborar conhecimento, considerar mais outras formas de elaboração de conhecimento que não seja pesquisa né, como é essa EFA Paulo Freire faz né, elaborar conhecimento a partir da cultura, a partir da capoeira, a partir do Maculelê, a partir do encontro né dos grupos culturais, a partir do festejo, das festas. A gente vai em outubro, vai na festa lá de Nossa Senhora do Rosário na festa da Congada lá na comunidade do Júlio né isso eu acho que não são todas as EFAS que valorizam igual essa EFA aqui valoriza, sabe? É... tá além da Pedagogia da alternância né, assim, não tá além, mas assim isso não tá sistematizado pela Pedagogia da Alternância, eu acho que poderia ser sistematizado como isso é importante, né? Essas outras metodologias de elaboração do conhecimento que é o que a Pedagogia Griô tenta fazer assim. ²¹

Podemos ver que a concepção de aprender com a música e a partir dos valores negro-africano está presente no cotidiano dos estudantes da EFAP e isso é muito importante para esse desenvolvimento dos sentidos apontados pela autora Azoilda Trindade (2010).

²¹ Entrevista realizada com Érica através do WhatsApp no dia 13/09/2022 por Walkiria Gabriele.

5. CONCLUSÃO

Este artigo buscou evidenciar as experiências negro-africanas presentes na Escola Agrícola Família Paulo Freire. Percebemos como é forte os valores africanos no cotidiano dos alunos, mesmo com toda a imposição dos valores ocidentais, os alunos têm a possibilidade de vivenciar uma continuidade dos ensinamentos que trazem de casa e assim manter essa relação forte entre comunidade-escola. Nos guiamos a partir de quatro categorias que foram identificadas no caminhar da pesquisa com base nas análises dos dados. Sendo elas: I) a relação comunidade-escola, II) os valores africanos e IV) a relação EFAP com o desenvolvimento da comunidade.

Podemos compreender a forte presença da comunidade na construção das atividades realizadas na EFAP, como é ressaltado na entrevista em vídeo sobre a Festa da Terra que acontece na escola. Assim como apresenta essa relação de comunidade-escola no Jogo de Trilha organizado em interação com a Pedagogia Griô e a Pedagogia da Alternância pela monitora. Há uma preocupação de fortalecimento dos sujeitos a partir de sua experiência, assim como sua vivência no campo e suas raízes culturais. Outro elemento observado na pesquisa foi como apresenta esses valores africanos no cotidiano da EFA. Valores esses sistematizado pela educadora Azoilda Trindade (2010) como Valores Civilizatório Afro-Brasileiros, sendo eles: o axé (energia vital), a oralidade, ludicidade, musicalidade, corporeidade, cooperatividade. Podemos notar que se apresentam de forma bem expressiva nas atividades, na dinâmica organizativa da escola, na forma de alimentar e nas relações entre os alunos, a comunidade e a escola.

Portanto, buscamos compreender como os princípios africanos e objetivos da EFAP fazem a relação com o desenvolvimento da comunidade a partir dos valores sociais africanos. No Projeto Político Pedagógico da escola se baseia em muitas referências sobre o saber cultural da comunidade, a partir da nomeação de cultura popular. Porém, nomear os saberes culturais dos povos africanos e seus descendentes de africanos a partir de seu eixo civilizatório e cultural é fundamental para a construção da autoestima e identidade das pessoas pretas que moram na região e que frequentam a escola, assim como para a construção de um posicionamento político, social, econômico e cultural dos povos do campo, garantindo a valorização dos saberes ancestrais e/ou tradicionais e o sentimento de pertencimento do campo. É o que almeja a luta dos movimentos negros com a aprovação da Lei 10.639/03, que de forma ainda muito tímida, vem sendo implementada nas instituições seja elas na zona rural, ou na zona urbana. Afinal, a

EFAP é um ponto de encontro onde 20 comunidades, algumas reconhecidas como quilombolas e outras não e que estão em conexão e que seus estudantes carregam uma bagagem de vivência que somam na formação de sujeitos críticos e engajados para a manutenção de suas experiências históricas culturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVELAR, Rodrigo. Youtube, **10 Festa da Terra e Aniversário da EFA Paulo Freire - Acaiaca MG**. Disponível em: <https://youtu.be/Kkchfza0EYw> Acesso em: 13/08/2022.

AZEVEDO, Antulio José de. **"Sobre a pedagogia da alternância."** Revista Científica (2005).

BIKO ' S. **Escrevo o que eu quero**, Trad. Grupo Solidário São Domingos. São Paulo, Brasil: Editora Ática, 1990.

BUTLER, Kim D.; DOMINGUES, Petrônio. **Diásporas imaginadas: Atlântico Negro e histórias afro-brasileiras**. São Paulo: Perspectiva, 2020.

CALIARI, Rogério Omar. **"A presença da família camponesa na Escola Família Agrícola: o caso de Olivânia."** Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória (2013).

CRUZ, Nathane Alves. **"A busca por um mundo onde caibam todos os outros: gênero, decolonialidade e multiculturalismo no Ensino de Arte."** (2020).

DIAS, Ana Claudia Souza. **Vozes reveladas: o diário de bordo de estudantes da Educação Básica sob a perspectiva da análise de discurso crítica**. 2021.

DOVE, Nah. **Mulherismo Africana: uma Teoria Afrocêntrica**. Universidade Temple. Tradução de Wellington Agudá. *Jornal de estudos negros*, v. 28, n. 5, maio 1998.

DUARTE, Rosália. **Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo**. *Cadernos de pesquisa*, p. 139-154, 2002.

FOURSHEY, Catherine; GONZALES, Rhonda; SAIDI, Christine. **África Bantu: de 3500 a.C. até o presente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

GIMONET, Jean-Claude. **Praticar e compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFFAS**. Tradução: Thierry de Burghgrave. - Petrópolis, RJ: Vozes, Paris: AIMFR - Associação Internacional dos Movimentos Familiares de Formação Rural, 2007.

LUZ, Marco Aurélio. **Agadá: dinâmica da Civilização Africano-Brasileira**. 4a edição. Salvador: EDUFBA, 2017.

MALOMALO, B. **Estudos africanos ou novos estudos africanos: um campo em processo de consolidação desde a diáspora africana no Brasil**. Capoeira Revista de Humanidades e Letras, v. 3, n. 2. 2017.

MAZAMA, Ama. Afrocentricidade como um novo paradigma in NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. São Paulo: Selo Negro, 2009.

MÓNICO, Lisete et al. **A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa**. CIAIQ 2017, v. 3, 2017.

MUYLAERT, Camila Junqueira, et al. **"Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa."** Revista da Escola de Enfermagem da USP 48 (2014): 184-189.

NOGUERA, Renato. **Entre a linha e a roda: infância e educação das relações étnico-raciais**. Revista Magistro, v. 1, n. 15, 2017.

SANTOS, **Os Nàgô e a morte: Pàde, Àsèsè e o culto Égun na Bahia**; traduzido pela Universidade da Bahia. 14. ed.- Petrópolis, Vozes, 2019.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017, p. 90.

TEIXEIRA, Edival Sebastião, Maria de Lourdes Bernartt, and Glademir Alves Trindade. **"Estudos sobre Pedagogia da Alternância no Brasil: revisão de literatura e perspectivas para a pesquisa."** Educação e pesquisa 34 (2008): 227-242.

TRINDADE, Azoilda Loretto. **Valores civilizatórios afro-brasileiros e educação infantil: uma contribuição afro-brasileira**. In: BRANDÃO, Ana P.; TRINDADE, Azoilda L. Modos de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

1 Espaço no Tempo. **Comunidade de Moreiras -Rio Espera MG**. Youtube, 2021. Disponível em: <https://youtu.be/dGzj033Bkxc> Acessado em: 13/08/2022.